

Mateus Castelani Freua

*1-o que significa ser "melhor aluno de zootecnia"? ( avalie grades, modernização curricular, se achar interessante)*

Ser destaque estudantil em Zootecnia é perceber que a vida profissional só tem sentido quando dedicada com responsabilidade e compromisso à gente brasileira, à sociedade como um todo e não àqueles já privilegiados. É saber que o estudo não pode ser pragmático a tal ponto de funcionar unicamente para o capital. É ter humildade para aprender e para ensinar, é reconhecer o espaço como o reino de todos os homens, é colocar a Zootecnia a serviço da formação de um mercado consumidor, trabalhador e empreendedor para alcançar crescimento econômico concomitante com resgate social, cultural e político. É ter o privilégio e o prazer de representar a sua instituição e retribuí-la de forma tão distinta, é saber que é impossível ser bom em tudo e que os seus colegas e o trabalho que fazemos juntos é o mais importante. É estudar bastante também, é entender que não há margem, nem tempo, para pensar que somente cursar o trivial é suficiente, é necessário saber exatamente o que se quer e é preciso ter vontade de fazer a diferença.

Ser destaque estudantil é não ser conivente com muito do modelo atual de educação superior. Do contrário, corre-se o risco de finalizar a graduação sendo uma pessoa completamente rasa. É preciso uma estrutura diferente de aulas e não a educação alienante da metodologia atual. A Zootecnia de uma forma geral precisa conversar mais com outras disciplinas, e estas precisam ser mais abertas para a nossa. Precisamos de um maior número de aulas práticas, e não digo aqui de aulas no campo apenas, mas principalmente práticas de pensamento, essas é que são as mais importantes. Compreende-se que em função da política universitária atual de valorização do volume de publicações internacionais, de atribuições de atividades administrativas e até desavenças entre departamentos, professores encontrem pouco tempo para o exercício das disciplinas de graduação. Mas, comandar esses cursos sem o merecido compromisso não é justificável. Esses atores devem abandonar o sistema de ensino superior.

É realmente improvável que mudemos com a rapidez que o assunto exige os projetos políticos pedagógicos instalados no país há décadas. Há muito que melhorar na estrutura curricular dos cursos existentes, mas de nada vale se a mudança não partir no sentido inverso da pirâmide, ou seja, da sala de aula para a instituição como um todo. Essa visão permite que tenhamos ações e ferramentas para mudanças desde agora.

Precisamos implementar um construtivismo crítico atualizado, uma pedagogia onde o oprimido me parece ser a grande massa de alunos ditos desinteressados por qualquer tipo de atitude de cunho acadêmico.

Por fim, ser destaque estudantil é reconhecer que os problemas todos são de ordem da natureza humana e que estes não irão mudar. Por isso, é necessário proclamar que não exista espaço para orgulho e arrogância no ensino superior. Todos que seguimos esses princípios somos estudantes de merecido destaque.

## *2-a zootecnia do futuro: como você a concebe?*

Um de nossos maiores desafios é o de aumentar a produção animal frente às projeções de demanda global, mas de forma a significar um baixo custo ambiental e ainda de uma forma social e economicamente aceitável. Portanto, a Zootecnia do futuro não irá acontecer se não como produção animal sustentável. O Brasil já se mostrou referência ao tomar iniciativas que somente hoje são consideradas como integrantes de uma agenda política para uma economia de baixo carbono. Com a Zootecnia não pode ser diferente. Temos que acompanhar essa marca do Brasil. O geógrafo Milton Santos já havia adiantado no final da década de 70 que como resultado de uma pobreza planejada, a presença no Terceiro Mundo de empresas poluidoras oriundas de países desenvolvidos poderia gerar um golfo de investimentos relacionados a problemas ambientais suficientemente amplos para substituir gastos bélicos. Foi o que aconteceu, e parece-me razoável extrapolar esse cenário para a agropecuária, de maneira que a “Revolução Verde” agora deve ser não apenas produtiva, mas também mais sustentável e mais inclusiva. Precisamos das tecnologias adequadas para os países de economia emergente de forma a assegurar o novo sistema econômico e social compatível com o desenvolvimento sustentável. A meu ver essas questões hoje são tão importantes que se tornam quase que uma estratégia de defesa nacional e um instrumento a servir a nossa política externa. A Zootecnia do futuro deve ser capaz de atender a essa demanda.

É importante também lembrar que não podemos ter uma visão unicamente Malthus/Ehrlich ou Borlaug/Simon da produção animal. Vejo muitas empresas apresentando que precisamos ter técnica e conhecimento de mercado para produzir cada vez mais e de forma cada vez mais eficiente para atender a demanda da população mundial crescente. Isso num primeiro momento parece ser bastante satisfatório para, por exemplo, atender ao Plano Nacional sobre Mudança do Clima. Mas, a função do

Zootecnista não deve estar fundamentada em simplesmente jogar cada vez mais produtos no mercado internacional de commodities.

Sabemos que até agora problemas de segurança alimentar nunca aconteceram por incapacidade técnica da produção. Pelo contrário, a modernização do campo aumentou a produção, mas também destruiu autarquias regionais e criou um desenvolvimento dependente que todos nós bem conhecemos. Quando se fala de mercado internacional, eu não me recordo de já ter visto crise de abastecimento diretamente associada à insegurança alimentar, mas sempre barreiras ao acesso a alimentos. Aliás, já em 1946, Josué de Castro em seu emblemático *Geografia da fome* também não encontrou no Brasil a insegurança alimentar associada à incapacidade da produção. É notável a abundância de alimentos que conseguimos produzir hoje e é muito improvável que o produtor que já tem acesso ao mercado perda em produtividade e inovação tecnológica. Mesmo em vista da projeção de redução do rendimento agrícola em função das mudanças climáticas, ciência, tecnologia e inovação irão caminhar juntas para atingir o que se é necessário. E os mecanismos do mercado parecem auxiliar esse caminho. O desafio é dar o direito ao pobre rural desse otimismo tecnológico. É claro que em questão da fome estamos progredindo e já reduzimos essa situação, mas as nossas políticas e ações atuais não têm se mostrado definitivas.

A Zootecnia do futuro também esbarra nisso, continuar com as mesmas atitudes que ajudaram a diminuir a fome até agora não é suficiente. A intensificação da agricultura não ocorre no setor pobre da economia. E ainda que o nível de consumo da população apresente melhorias, os lucros do capital ascendem mais depressa e o rendimento das parcelas mais vulneráveis acaba sempre sendo baixo. Alguém poderia dizer que ao aumentar a oferta, assegura-se uma determinada faixa de flutuação no valor das commodities, o que irá permitir a compra de alimentos por grupos sociais mais vulneráveis. No entanto, a segurança alimentar não será concebida em sua plenitude por intermédio dos preços. A segurança alimentar é um bem público e como tal, quando numa posição *laissez-faire*, está sujeita à falha de mercado. Assim, precisamos estabelecer mecanismos de intervenção para dar uma ajuda à “mão invisível” de Adam Smith. É uma questão de política agrícola sincera. Por esse motivo, a Zootecnia somente como produção animal não será suficiente para o futuro. Isso se você achar que a nobreza dessa profissão está no fato de produzir alimentos para o mundo como todos tanto dizem.

Outra questão importante é que falar em produzir mais sem passar por várias dessas colocações demonstra uma visão no mínimo descompassada da idéia do mundo contemporâneo de preocupação com os ecossistemas. Na agropecuária também existe um limite de crescimento ainda que esse seja verde e é fato que o Brasil já não tem mais o mesmo tamanho que tinha para os privilegiados que o tem. Portanto, precisamos repensar qual o caminho que queremos para a nossa sociedade – um caminho justo terá que passar por uma visão de governança que seja capaz de se afastar da “difusão de responsabilidades” e de se aproximar da “responsabilidade partilhada”. Estou apenas traduzindo para os tomadores de decisão o que é desigualdade e equidade. Isso é função do destaque estudantil.